

## Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT

*Do all the “fish” people speak “gaybulary”? The issue of language and identity of ALGBTQI+ community*

Héilton Diego LAU<sup>1</sup>

### Resumo

A fala é tida como social, pois a utilizamos de várias formas em vários momentos, ora sendo formais, ora informais. A comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis – LGBT – possui termos e terminologias quando sujeitos desta estão reunidos. Será que tod@s utilizam esse tipo de linguagem devido a sua orientação sexual? O que faz essa linguagem ser estereotipada para a comunidade LGBT? Tentando responder a essas perguntas, juntamente com o *corpus* deste trabalho, que são recortes extraídos de um podcast do programa *Não Me Critica*, apresentado por três homens que se identificam como homossexuais, debatem/criticam a respeito do “bichês”. Signorini (1995, 2011), Moita Lopes (2011, 2013), Rampton (2011), entre outr@s sustentam este trabalho teoricamente.

**Palavras-chave:** Bichês. Comunidade de prática. Comunidade LGBT. Linguagem e identidade.

### Abstract

The speech is seen as social, for use in various ways at various times, sometimes with formal and sometimes informal. The asexual, lesbian, gay, bisexual, transgender, transsexual, transvestite, queer, intersex and more community – ALGBTQI+ – has terms and terminologies when this subject are gathered. Does everyone use this kind of language because of their sexual orientation? What makes this language is stereotypical for ALGBTQI+ community? Trying to answer these questions, along with the *corpus* of this work, which are cuttings taken from a program podcast *Não Me Critica*, presented by three men who identify as gay, debate/criticize about the “gaybulary”. Signorini (1995, 2011), Moita Lopes (2011, 2013), Rampton (2011), among others support this work theoretically.

**Keywords:** Gaybulary. Community of practice. Lgbt Community. Language. Identity.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Ponta Grossa/PR. Professor visitante do Instituto Superior de Aprendizagem Multidisciplinar – ISAM. E-mail: heliton.diego@hotmail.com

## Introdução

A comunidade LGBT está cada vez mais sendo discutida e ganhando visibilidade em novelas, séries de TV, discursos políticos etc., trazendo à tona o respeito que ela tanto quer. O ano de 2014 foi aquele no qual em que a comunidade LGBT ganhou um espaço enorme em todos os tipos de mídia, tanto positiva quanto negativamente.

Graças a essa visibilidade, pôde-se notar a diversidade das pessoas, quer seja na forma de se vestir, de se comportar, até a forma de seus relacionamentos. Além disso, houve um rompimento do binarismo, ou seja, a (des/re)construção do que nos fora imposto através de uma visão heteronormativa e, muitas vezes, machista.

Neste trabalho, é dado o foco à comunidade LGBT, mostrando a questão da linguagem em que associamos somente a  $e\ell@s^2$ , classificada como bajubá, que possui matizes africanas, popularmente conhecida como “bichês”. O *corpus* deste artigo consiste em excertos retirados de um programa chamado *Não Me Critica*, via mídia podcast, uma nova mídia de programa de rádio que pode ser ouvido pela internet ou baixado no MP3 player no som do carro ou até mesmo no celular. Nele, três rapazes comentam/criticam a respeito de alguns vocábulos encontrados num dicionário, ou como diríamos em “bichês”, numa “dicionária”, já que o gênero “neutro”, se assim podemos chamar, é o feminino. Também são comentadas/criticadas questões como de uso social, variação de prestígio, nível de escolaridade, entre outros.

## 1 A linguística aplicada e suas contribuições

A Linguística Aplicada (LA) é um campo interdisciplinar de estudo que investiga, identifica e oferece soluções para problemas relacionados com a linguagem da vida real. Por sua interdisciplinaridade, alguns campos acadêmicos como educação,

---

<sup>2</sup> A utilização do arroba é para marcar uma possível “neutralidade de gênero”, não focando somente no masculino, nem no feminino, mas sim, mostrando algo que seja válido para esses dois gêneros e também para os gêneros não-binários, juntamente, concordando com Moita Lopes (2013, p. 20-21) em que as variações ideológicas influenciam as mudanças linguísticas, além de uma prática do movimento feminista.

linguística, psicologia, antropologia e sociologia também fazem parte dela. Seu teor provém da Linguística, digamos “teórica”.

A grosso modo, não é uma tarefa fácil conceituar exatamente o que é LA devido à sua interdisciplinaridade, sua mestiçagem e suas diferentes formas de trabalhar, mas podemos observar e notar que os trabalhos relacionados à LA tratam de sujeitos que são/estão à margem da sociedade, como os pobres, negros, a comunidade LGBT, entre outros. Portanto, “[...] o foco principal tem sido o sujeito inscrito na produção do conhecimento ou a sua redescritção em outras bases” (MOITA LOPES, 2011, p. 87). Ou seja, através dos estudos com a LA podemos perceber que a forma como esses sujeitos falam/escrevem, pensam sobre a escrita/fala também é importante e deve ser estudada e refletida.

[...] o conhecimento tem de ser novo não simplesmente porque o mundo está diferente, mas porque tais mudanças requerem processos de construção de conhecimento que devem, necessariamente, envolver implicações de mudança na vida social. As mudanças têm sido nos dois sentidos: uma resposta à vida social que implica questões de natureza epistemológica. Em um sentido, a opção tem a ver com conhecimentos que refletem as mudanças radicais da vida contemporânea e, em outro, na direção de um projeto epistemológico com implicações sobre a vida social (MOITA LOPES, 2011, p. 91).

É importante e necessário que se reconheça a visão do “Outro” (cf. Hall, 2006), como nesse caso, linguisticamente. Por exemplo, é importante aprendermos inglês, mas qual fora a visão estipulada pelos professores de língua inglesa do século XX? Achávamos que aprendíamos ou o “inglês americano” ou “inglês britânico” e nem pensávamos no inglês falado no Canadá, por exemplo, e em outros países em que o inglês é considerado língua materna. Atualmente, os professores de língua inglesa e pesquisadores chamam o ensino de língua estrangeira moderna, no caso, o inglês, de Global English, mostrando uma nova forma de pensarmos o ensino de língua inglesa no século XXI. Porém, o Global English não abarca o Black English Vernacular (BEV), em que é falado como se fosse uma espécie de variação do inglês “padrão” utilizado pela população negra dos EUA. Felizmente, existem trabalhos e pesquisas sobre o

assunto, mostrando que, embora fosse reconhecido como “errado” no século passado, atualmente é considerado como variação e/ou dialeto<sup>3</sup>, por exemplo.

Também devemos considerar que, no presente século, as mudanças que ocorrem na língua(gem) dos falantes é muito rápida e mais visível, principalmente em meios midiáticos como as redes sociais, por exemplo.

Foi a tecnoinformação por meio de avanços tecnológicos [...] que possibilitou um mundo mais veloz, de discursos que atravessavam o globo em um piscar de olhos no chamado tempo real, que mudam a economia na tecla do computador, que nos aproximam de forma surpreendente, que nos possibilitam ser e ver outros virtualmente como também “conversar” com pessoas que nunca vamos ver, que nos assustam como alteridades nunca imaginadas – provocando a construção de discursos fundamentalistas, que podem abrir nossos olhos para outras formas políticas de viver tanto a vida íntima e pública que, aliás, se confundem cada vez mais [...], questionando verdades naturalizadas em todos os sentidos, embora possam também confirma-las, já que, como sabemos, são muitos os discursos que nos chegam (MOITA LOPES, 2011, p. 91-92).

As redes sociais que conhecemos e utilizamos agora, como Facebook e Twitter, apresentam uma gama imensa de informações em um tempo muito rápido, diferente do que temos na televisão, por exemplo. Os assuntos que repercutem nas mídias sociais, alguns no caso, servem para (des)construir um conceito que tínhamos sobre determinado assunto. Por exemplo, a questão dos direitos igualitários para a comunidade LGBT e casamento civil igualitário repercutiu e ainda repercute nas redes sociais, inclusive petições que servem para criminalizar a homolesbotransfobia<sup>4</sup>, por exemplo. Ou seja, os discursos que nos eram “impostos” sobre questão de gênero e sexualidade, em que família é somente homem e mulher, estão enfraquecendo e abrindo portas para a diversidade das famílias, sexualidade e gênero.

A chamada ciência moderna já foi amplamente criticada por se basear em um sujeito homogêneo e essencializado como branco, homem, heterossexual de classe média que as teorias feministas, *queer*, antirracistas, pós-coloniais e pós-modernistas se encarregaram de desconstruir. Essa questão está relacionada à redescrição de um mundo

---

<sup>3</sup> Neste trabalho não iremos nos prender nesses temas para distinguir a linguagem da comunidade LGBT.

<sup>4</sup> Este é um termo que ainda está em construção e discussão, pois a homofobia diz respeito apenas aos homossexuais, excluindo os demais. Porém, este termo também não abarca a bifobia, que é aversão ou discriminação aos bissexuais.

constituído por uma ciência de significado objetivo, i.e., “as últimas verdades”, que nos fez acreditar em uma única explicação para os fatos sociais, que não era de modo algum entendidos como atravessados pelo exercício do poder, despolitizando e tornando autônomo o conhecimento (MOITA LOPES, 2011, p. 101-102).

## 2 Uma crítica a respeito da crítica

O programa *Não Me Critica* (NMC) é um programa de rádio online gravado em podcasts, em 12 de setembro de 2012, o qual surgiu com quatro apresentadores que se identificam como homossexuais: Elmer Dias, Francisco Carbone, Thiago Arzakom e Vinícius Ribeiro<sup>5</sup>. O programa apresenta diversos temas discutidos semanalmente às quartas-feiras, alguns voltados mais ao público LGBT, outros mais gerais. Após um ano, teve-se a saída de Vinícius Ribeiro, idealizador do projeto, mas os três apresentadores continuaram. Os temas são, em alguns casos, sugeridos por ouvintes, em outros, são escolhidos pelos próprios apresentadores, que afirmam que o programa se trata de conversas gravadas do grupo a respeito do tema.

Nos programas gravados, os rapazes criticam a respeito do tema em questão, muitas vezes sendo o título do podcast, em que eles colocam suas opiniões, críticas, comentários e sugestões de uma forma, em alguns casos, cômica e divertida. Atualmente, a página que hospeda os podcasts apresenta cento e cinco programas<sup>6</sup> com diversas temáticas.

De todos os programas hospedados, o selecionado para fazer parte do *corpus* deste trabalho foi o podcast número 83, postado no dia 25 de junho de 2014, com duração de 49 minutos e 49 segundos sob o título de “Bichês”, no qual os três apresentadores comentam/criticam a linguagem utilizada por alguns membros da comunidade LGBT. As transcrições foram feitas de forma para facilitar a leitura dela para melhor compreensão da análise, omitindo-se risadas e algumas falas inaudíveis devido, em alguns momentos, a todos falarem ao mesmo tempo.

---

<sup>5</sup> Durante as transcrições, será utilizado apenas a inicial do nome de cada um.

<sup>6</sup> Essa informação é retirada devido ao último programa que foi hospedado no dia 3 de dezembro de 2014.

O programa em si trata das gírias/vocábulos tidas como utilizados pela comunidade LGBT. Os apresentadores, no início, ficam em dúvida se “a dicionária” existe fisicamente, e de fato, sim, sendo de autoria de Fred Lib e Vitor Angelo<sup>7</sup>.

**E:** Vocês usam esses dialetos no dia a dia?

**T:** Não.

**E:** Como assim não usa? Você não fala que vai desaquestrar<sup>8</sup>?

**T:** Eu não falo corar o fax.

**E:** Como corar o fax?

**F:** É uma expressão antiga, né, gente? Porque fax já não existe.

**T:** Que é prestar atenção.

**E:** Corar o fax? Gente, mas a pessoa tava criativa, né?

**F:** Lê a explicação científica de chuca.

**T:** Lavagem intestinal. Elmer, qual é a cor do seu chicotol aí?

**E:** É nude, é nude. Chicotol é cabelo?

**F:** Cabelo é picumã.

**T:** Cueca.

**E:** Ah, eu não uso cueca.

**T:** Você não ouviu isso, cara?

**E:** Foi só pra causar.

**T:** Então, gente, baseado nesse pequeno, como fala?

**E:** Dialeto?

**T:** Não, nessa pequena demonstração, nessa degustação. Comumente eu não uso isso. Você usa algum?

**E:** Você fala sim, Thiago!

**T:** “Adoro”, só

**E:** Adoro; ai, que cu;

**F:** Como assim, ai que cu é uma palavra?

**T:** Esse eu uso raramente.

**E:** Arrasou<sup>9</sup>, você não usa arrasou?

**T:** Arrasou e adoro, que nem tá aqui, porque já caiu no *uso comum*.

**E:** Várias coisas: caminhoneira<sup>10</sup> você usa, colar velcro<sup>11</sup> você usa. Bicha-pão-com-ovo<sup>12</sup>, poc-poc<sup>13</sup>, essas coisas você usa.

**F:** Tipo, eu realmente não tenho, tipo, não falo 24 horas por dia nesse dialeto, né, mas conheço muita gente que é bem integrada, que sabe mais do que eu.

<sup>7</sup> Os significados de algumas gírias utilizadas durante a transcrição do podcast serão colocados em nota de rodapé para melhor esclarecimento dos autores citados acima.

<sup>8</sup> (do *bajubá*) *V.t.d.* e *intr.* **1.** Deixar de lado; deixar em paz; **2.** Esquecer; **3.** Ir embora, vazar.

<sup>9</sup> *V.t.i.* e *intr.* **1.** Fazer algo bem-feito e/ou com graça. **2.** Se jogar. **3.** Ir fundo. **4.** Soltar a franga. No imperativo, Arrasa pode ainda significar *Olá querida* e *Tchau*.

<sup>10</sup> *S.f.* (pejorativo) Lésbica com gestos muito masculinizados.

<sup>11</sup> *Expr.* Bater bolacha. **Bater bolacha** – *Expr.* Ato sexual entre lésbicas.

<sup>12</sup> *S.f.* (pejorativo) (SP) **1.** Homossexual pobre culturalmente. **2.** Diz-se das bibitas que não têm condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa, depois da balada. [...] **3.** Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de memória.

<sup>13</sup> *S.f.* (SP) O mesmo que *quaquá*. **Quaquá** – *S.f.* Homossexual efeminado; bichinha.

**E:** Mas geralmente esse dialeto não tá associado a um homossexual com trejeitos e essas coisas

**F:** Ih, gente...

**E:** Não estou falando que todo mundo é e que seja uma coisa ruim, só estou tentando dar assunto ao tema [...]. (grifo meu).

Através das pesquisas que eles fizeram a respeito do “bichês”, podemos notar quando Elmer pergunta se os demais utilizam eles ficam em dúvida se utilizam, em destaque Thiago, que, podemos pressupor, por questão da língua portuguesa “padrão” ter um certo “prestígio”, diferente da linguagem do “bichês”. Na perspectiva da LA, devemos

[...] repensar a questão da legitimidade da língua em uso em função da lógica democrática da controvérsia, da ruptura e do dissenso como vetores de produção e não de perturbação, perda ou degradação linguística. “Legitimidade dos usos linguísticos” é aqui compreendida em termos socioculturais e políticos e não puramente linguísticos (SIGNORINI, 2011, p. 169-170).

Palavras como “adoro” e “arrasou”, que ele afirmou que nem estavam no site em que estava olhando a respeito dos vocábulos do “bichês” serem consideradas por ele “comuns”, a palavra “arrasou”, na dicionária, pode possuir significados diferentes ao que comumente associamos a esta palavra, ou seja, esta possui diversos significados.

Também podemos observar que, sabendo que todos os apresentadores se identificam como homossexuais e a linguagem está caricata ao público LGBT, geralmente pensamos que: se faz parte, responde a todos os estereótipos criados, portanto, *deve-se* saber falar/usar o “bichês”. Nesse caso, podemos notar que Thiago pode até utilizar alguns vocábulos, mas ele não quer se identificar como o “homossexual que fala ‘bichês’”, por isso a “negação” da utilização dessa linguagem, além do mais, ser identificado como um homossexual “afeminado”.

Podemos continuar observando durante o programa os discursos formados a respeito da utilização dessa linguagem “foneticamente”:

**F:** E aí...

**E e T:** Nhaí!!!

**F:** Na dicionária tá “e aí”: expressão de cumprimento, talvez a mais usada no meio homossexual.

**E:** E aí, tá boa, quiridan?

**T:** Eu acho que o “e aí” é pra quem é hetero, agora o “nhaí”, aí sim. Aquele vídeo do “Comédia MTV”, mesmo sendo uma comédia, uma coisa engraçada, explica que não é essas palavras simplesmente lidas, como foneticamente elas [...]. Tem um contexto, né?

Essa questão do contexto, juntamente com o vídeo que eles assistiram do *Comédia MTV* que é de uma sala de aula em que o professor está dando uma aula de “bichês” para @s alun@s, desde vocábulos até frases, possíveis “traduções” do português para o bichês e a parte fonética, como foi no caso dos apresentadores terem citado pelos apresentadores. Juntamente com isso, além de ter o contexto, no caso, pressupostamente, em que @s falantes dessa linguagem utilizariam com outr@s falantes, além da diferença do “sotaque” entre heterossexuais e a comunidade LGBT, que falam mais “anasalados”.

Também é interessante discutir a respeito do que o Thiago apontou: a questão da diferença de fala entre o heterossexual e o homossexual. Através dessa diferença por causa da orientação sexual, podemos pressupor uma hierarquia, em que a linguagem do heterossexual (“e aí”) possa receber um prestígio maior, por ser considerada uma variação informal, mas, de uma certa forma, “padrão”, afinal, grande parte utiliza essa expressão, do que a de um homossexual (“nhaí”), por estar ligado ao cômico, ao fato de não ser alfabetizado, entre outros fatores negativos.

A igualdade entre falantes, enquanto falantes, independentemente das posições numa dada ordem sociolinguística, é primeiro e fundamental para que se coloque a questão da legitimidade da língua em uso [...], pois é anterior a toda hierarquização. [...] sua condição de falante – ou seja, sua capacidade de interagir verbalmente no coletivo, seu estatuto de interlocutor autorizado naquele coletivo – é o que legitima os usos que ele faz dessa mesma língua. Não são determinados usos que ele faz da língua, ou determinadas formas que utiliza, que o legitimam como falante “competente” daquele língua (SIGNORINI, 2011, p. 171).

Ou seja, a fala de uma determinada classe que ainda é considerada “padrão” pela sociedade heterossexual, cisgênero, torna um falante “competente”, excluindo as demais falas, obrigando um membro da comunidade LGBT a sucumbir-se à “linguagem heterossexual”, privando de uma outra forma de fala, sem ser menosprezado.

**E:** [...] uma coisa que acontece é que esses dialetos têm levas, tem safras, tem temporadas. Até pouco tempo, a gente tava usando “isso é choque, querida, arrasou!”

**F:** Tem a ver com um evento, um meme, personalidade da Web. Inês Brasil! Tem super a ver. A própria dos “bons drink” virou uma.

**E:** Quem nunca falou “me disseram que eu tava na pior, porran!”

**T:** Isso que o Elmer falou no início, que é das bichas mais afetadas, quaquá, pão-com-ovo<sup>14</sup>... Mas é, gente, principalmente culturalmente falando. Onde existe uma cultura mais voltada para a ... talvez a escassez de recursos de conhecimento, de estudo, eu acho...

**F:** Imagina bichas riquíssimas: “você já encontrou aquela bicha pão-com-ovo hoje?”

**T:** Jamais!

Percebemos, que por mais que possamos pensar que são grupos “deslocados da linguagem da maioria”, há semelhanças, seja em casos de gírias que mudam, ou como o próprio Elmer comentou, terem safras, temporadas, acontece muito com a “linguagem heterossexual”, se é assim que podemos/devemos classificar.

Em termos do comportamento e desenvolvimento humanos, as ideias clássicas sobre nossas ações e seus significados adquiridos com base em suas funções no sistema social foram substituídas pela visão de que o que fazemos tem um papel primordial em moldar os lugares onde vivemos, e, longe de sermos compreendidos como socializados com base nas normas de um grupo social cujo monitoramento subsequentemente nos mantém moralmente alinhados, há agora a compreensão de que nos “agrupamos” com base em uma grande quantidade de opções mutáveis, decidindo o que é correto ou errado para nós mesmos (RAMPTON, 2006, p. 113).

Por mais que as variações linguísticas sejam diversas, em cada região há um significado diferente para a linguagem, para as gírias e dialetos é a mesma coisa. Bourdieu (2008, p. 25) fala da língua(gem) como “desvio individual em relação à norma linguística”, ou seja, juntamente com a questão identitária do sujeito, não utilizamos uma forma de linguagem para nos comunicar.

<sup>14</sup> S.m. (SP) 1. Lanchinho que as bibitas sem condições financeiras para comer na rua levam de casa; 2. As próprias bichas adeptas do lanchinho. (Vide também *bicha-pão-com-ovo*).

Ben Rampton (2006) comenta a respeito da “comunidade de fala”, cujo termo foi questionado e estudado pela Sociolinguística, agora, tomado por duas direções: a primeira, “onde há uma análise em *close* da interação face a face em vários contextos e relações sociais muito bem estabelecidos tais como oficinas de trabalho, salas de aula e grupos profissionais de um tipo ou de outro”; e a segunda, “quando ela é analisada como uma representação semiótica nos discursos ideológicos que constroem e naturalizam agrupamentos muito grandes [...]” (RAMPTON, 2006, p. 115-116, grifo do autor). Calvet (2002) também discute sobre isso, mas ele denomina como “comunidade linguística”: “[...] onde se encontra a pertinência dessas diversas variações, através do tempo, do espaço ou dos estratos sociais [...]” (CALVET, 2002, p. 115).

**T:** Você conhece muitos PAMs, Elmer?

**E:** Pães? Adoro pão!

**F:** Pan é aquilo de pansexual, né?

**T:** Não, PAM é a sigla pra Passiva Até a Morte.

**E:** Ai, sim, eu conheço algumas.

**F:** Tem também os ativos até a morte.

Essa questão que eles comentam durante o programa, é a questão das siglas utilizadas em determinados vocábulos do “bichês”, como no caso: PAM e PO. Ao comentarem sobre estas duas siglas, houve um certo estranhamento, já que as mesmas eram desconhecidas pelo grupo. Numa questão de gênero, a respeito da primeira sigla mencionada, podemos pressupor que para comunidade LGBT, no caso em que o sujeito homossexual, especificamente passivo, ou seja, o que é penetrado por outro homossexual em que este recebe a classificação de ativo, há um binarismo nisso, pois se associa o sujeito passivo a mulher, alguém “submisso”, esta questão ideológica sendo vista desde a Bíblia e utilizada para propagar o machismo. Butler (2003) comenta a respeito do binarismo, sobre a questão da heteronormatividade: pois quando vem à nossa mente a palavra “casal”, imaginamos um homem e uma mulher, geralmente. Há associações errôneas de que um casal homossexual seja chamado de “par”, pois ambos são do mesmo sexo, iguais, como um par de brincos, por exemplo.

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos

femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição [...], não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2003, p. 24).

O binarismo, ou seja, a divisão de gêneros em masculino e feminino, sofreu uma explosão no século XXI, conforme ilustra a tabela abaixo:

**Tabela 1** – Desconstrução da relação entre sexo, gênero e desejo

<b>Sexo</b>	<b>Gênero</b>	<b>Desejo</b>
Masculino	Masculino	Feminino
Feminino	Feminino	Masculino
Masculino	Masculino	Masculino
Feminino	Feminino	Feminino
Masculino	Masculino	Feminino/Masculino
Feminino	Feminino	Masculino/Feminino
Masculino	Feminino	Masculino/Feminino
Feminino	Masculino	Feminino/Masculino

As duas primeiras linhas da tabela mostram a possibilidade dos sujeitos serem heterossexuais, pois o seu corpo é cisgênero, ou seja, nasceu assim, se identifica como tal e o seu desejo é o oposto; este é, ainda em nossa sociedade pós-moderna, considerado o único “normal”. A partir da terceira e quarta linhas, há a possibilidade de os sujeitos serem bissexuais, pois são atraídos tanto por pessoas do mesmo sexo quanto pelas do sexo oposto. Na quinta e na sexta, os sujeitos são homossexuais, pois o que eles representam, se identificam e têm atração é do mesmo sexo. E, finalmente, nas últimas duas linhas, os sujeitos são identificados como travestis e/ou transexuais, pois o sexo com o qual nasceram não se iguala ao gênero com o qual se identificam, e a atração pode ser heterossexual e/ou homossexual. Por exemplo, nasceu uma menina, pois a identificamos assim por ela possuir os traços que a caracterizam dessa maneira, em especial, o órgão reprodutor. Entretanto, em períodos de adolescência, juventude ou até mesmo na infância, ela não se identifica como menina, mas sim como menino, ou seja, seu gênero é oposto ao sexo, e *ele* (nesse caso, tratando o sujeito como se identifica) pode tanto sentir atração por meninos cisgêneros, meninas cisgêneras ou os dois. Dependendo do seu desejo, *ele* poderá ser heterossexual, bissexual ou gay, pois a condição/orientação sexual não está ligada ao gênero.

Outro fato ligado ao homossexual é essa questão de “quem é o homem/mulher da relação?”, sabendo que a relação homoafetiva é diferente da heteroafetiva. Na relação homossexual pode haver: ativo, passivo, versátil e gouine, sendo que este último tem uma relação que não envolve penetração. Algo semelhante e que estava sendo bastante comentado e criticado eram os *G0ys*, que se identificam como homens heterossexuais, entretanto, podem fazer sexo oral e masturbação em outro homem heterossexual. O que não se é permitido é penetração e namorar outro homem.

O termo “passivo” remete à figura do homossexual com a “visibilidade do estigma”, ou seja, daquele que apresenta atitudes que identificam sua preferência sexual. [...] o homossexual ativo tende a ganhar status de mais macho, chegando ao ponto de, em raras exceções, os machos que “comem bichas” não serem classificados de maneira diferente dos “homens verdadeiros” devido ao seu desempenho do papel ativo. Inclusive, muitos homens que têm relações homossexuais não se consideram homossexuais, desde que não pratiquem o sexo anal ou que exerçam o papel “ativo” na relação sexual [...] (ALMEIDA, 2011, p. 9).

Ou seja, infelizmente, alguns membros da comunidade LGBT que não se identificam como gays, porém fazem sexo com outros homens, desde que sejam somente ativos, não se consideram gays pela rotulação de que ser gay é ser passivo, “ser mulher”, por ser penetrado. Independentemente do tipo com quem que cada parceiro se relaciona, seja ativo, passivo, versátil ou se ambos são *gouines*, a prática em si é considerada homossexual da mesma forma.

**T:** Engraçado, né, gente, o “a”, que um artigo definido feminino, no mundo gay, fica “A Pedro, a Mário...”

**E:** Não, rola um feminino, “A Thiaga”.

**T:** Eu não falo “A fota, a relógia e a dicionária”

**F:** A prédia, gente, como assim? Além de bichês, é burra.

**T:** Não foi bem alfabetizada.

**F:** Não, nada bem alfabetizada.

**T:** Por isso que eu digo...

**F:** Olha, Thiago voltando na polêmica...

**T:** Calma, gente! Deixa eu falar! Eu acho que muita gente... Acho que essas expressões vieram dos homossexuais da periferia, que tem uma condição financeira mais baixa, que não sabe falar o português direito, e que surgem essas gírias. Você vê também muitas travestis usando essas gírias, esses dialetos. Então acabou isso aí. Não necessariamente todos os homossexuais, aliás, a grande maioria dos homossexuais não utiliza esse dialeto.

Um assunto para o qual os apresentadores chamaram atenção nessa parte foi a questão da alfabetização, tendo a crença de quem possui escolaridade fala “direito”, aprendeu o português “corretamente”, excluindo outras formas de aprendizado que envolvem a língua.

[...] a sobrevivência na escola é comumente vista como sinônimo da aquisição dos bens culturais de prestígio – ser “estudado” é ser “educado”, “mais elevado” – e, ao mesmo tempo, como sinônimo de aquisição dos recursos necessários ao sucesso na ação social de base discursiva, independentemente dos contextos situacionais em jogo – ser “estudado” é saber falar “direito, é raciocinar/agir/avaliar “certo”. [...] tanto o não-acesso à escola quanto o fracasso escolar são vistos como sinônimos de déficit desses mesmos bens culturais – não ser “estudado” é ser ignorante, é “não saber das coisas” – e, ao mesmo tempo, como sinônimos de déficit de recursos necessários à ação social de base discursiva – não ser “estudado” é não falar “direito”, é estar sempre vulnerável diante da multiplicidade de situações e interlocutores do cotidiano e, conseqüentemente, estar sempre sujeito ao fracasso na consecução se objetivos próprios (SIGNORINI, 1995, p. 162).

Este fato pode ser feito uma ligação do que já foi comentado quanto a variação de prestígio, a “linguagem heterossexual”, pois um dos apresentadores afirma que a linguagem surgiu dos homossexuais da periferia, associando a quem mora nesse lugar um nível baixo de alfabetização. Também as travestis, que, devido a sua identidade de gênero, abandonam/abandonaram os estudos, foram expulsas de casa e, em alguns casos, não tiveram condições para terminar o estudo. Isso volta novamente a questão da normatividade da língua, desconsiderando esse tipo de linguagem algo “correto”, entretanto, algumas expressões da “linguagem heterossexual” podem ser repensadas e aceitas pelos demais.

## **Considerações finais**

Toda língua possui inúmeras variações em decorrência das diferenças entre os falantes da mesma, quer sejam de classe social, profissão, grau de escolaridade etc. Uma variação que geralmente é menosprezada, ou observada como menos importante, é aquela relativa à identidade de gênero e orientação sexual. Embora possam ser de

comunidade de fala semelhante, dois falantes podem ter dificuldades em se comunicar por um deles ser homossexual e o outro ser heterossexual, por exemplo.

Alguns membros da comunidade LGBT, pela necessidade de se comunicar de forma mais velada, sem que outros percebam do que se trata, ou mesmo para falar de forma “engraçada”, como reforçando de forma caricata o estereótipo que lhes é reservado, utilizando para isso o “bichês”. Por se tratar de uma linguagem informal, diferente do “português padrão”, falada por pessoas de classes sociais inferiores, é vista como uma linguagem a ser evitada e somente falada com teor humorístico, até mesmo com intenção de “imitar” de maneira “debochada” a forma de se expressar de gays que correspondem ao estereótipo, chamados de “poc-poc” ou “pão-com-ovo”, termos do próprio “bichês” para se referir de forma negativa a esses indivíduos LGBT.

As pessoas LGBT que utilizam o “bichês” em seu cotidiano, ou seja, com a intenção primária de transmitir mensagem sem teor humorístico ou com intenção de denegrir, são enxergados como de classe social inferior, menor escolaridade e até mesmo de menos inteligência. Além, disso, são muitas vezes classificad@s como “mais gays”, isto é, pessoas que não correspondem ao padrão heteronormativo da sociedade.

## Referências

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. “Sou gay, porém totalmente discreto” – os estereótipos e a criação do *ethos* em um *site* de relacionamento gay. **ReVeLe**, Minas Gerais, nº 3, p. 1-23, ago. 2011.

ARZAKOM, Thiago; DIAS, Elmer; CARBONE, Francisco. **NMC #083 – Bichês**. Disponível em: <<http://www.naomecritica.com.br/nmc-083/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Por**

**uma linguística aplicada INdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: \_\_\_\_\_. **Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SIGNORINI, Inês. Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, Ângela B (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 169-190.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. 24 ed. São Paulo: Clara Ltda.